

## PLATAFORMAS SOCIODIGITAIS, *FAKE NEWS* E DISSONÂNCIA COGNITIVA: QUESTÕES SOBRE A EDUCAÇÃO ESCOLAR

MATHEUS BERNARDO SILVA

Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), Criciúma, Santa Catarina,  
Brasil

MARIA SIRLENE PEREIRA SCHLICKMANN

Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), Tubarão, Santa Catarina, Brasil

---

**RESUMO:** O presente manuscrito procura abordar elementos sobre a dissonância cognitiva do indivíduo perante a situação social atual, na sua relação com *fake news* e com determinadas plataformas sociodigitais. O objetivo foi examinar criticamente a relevância da educação escolar hodierna como premissa para o processo formativo do trabalhador, em proveito ou não da superação da dissonância cognitiva ensejada pelas *fake news*, negacionismo e teorias da conspiração, principalmente via plataformas sociodigitais. Por meio de uma pesquisa teórico-bibliográfica, à luz de princípios do materialismo histórico-dialético e da teoria pedagógica histórico-crítica, constatou que, na educação escolar atual, há predomínio da formação unilateral do trabalhador, que consubstancia a possibilidade da dissonância cognitiva em tempos de *fake news* em comunhão com negacionismo e teorias da conspiração.

**PALAVRAS-CHAVE:** Plataformas Sociodigitais; *Fake News*; Dissonância Cognitiva; Educação Escolar.

---

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

*De fato, como o camponês obtuso vai entender? Essas pessoas devem, ainda, aprender a alfabetização política elementar. Mas o que se pode dizer de uma pessoa que se exprime por meio de palavras como "revolução", "democracia", "socialismo", que pretende empregar essas palavras como se as entendesse?*

(Lênin, 2020).

A conjuntura nos dias atuais expõe um quadro preocupante sobre a vida social, principalmente dos indivíduos que compõem a classe trabalhadora (classe dominada). Está posto um acirramento velado entre as classes sociais, no qual os mais variados dispositivos tornam-se recursos cabíveis para o constante processo de exploração e opressão pela classe dominante (classe dirigente).

Um ponto fulcral para a classe dominante é fazer com que a classe trabalhadora se aproprie dos interesses dominantes. Os interesses da classe dominante, historicamente e especialmente na atual sociedade capitalista neoliberal, são totalmente antagônicos aos interesses da classe trabalhadora. Como a classe dominante possui os meios de produção e a classe trabalhadora, por sua vez, vende a sua força de trabalho, há hiatos sociais que são preenchidos para suprir os interesses sociais dominantes.

No caso do manuscrito em tela, fica estabelecido um recorte na tentativa de evidenciar uma análise crítica, por uma pesquisa teórico-bibliográfica, sobre a ocorrência de *fake news* (em comunhão com negacionismo e teorias da conspiração), em proveito de asseverar a condição de dissonância cognitiva dos indivíduos, inclusive daqueles oriundos da classe trabalhadora. É, portanto, uma maneira intencionalmente difusa para a manutenção do *status quo*. Parte-se do pressuposto de que uma das dimensões para tornarem verídicas as *fake news* ocorre pelo processo de incerteza e insegurança, predominantes nas plataformas sociodigitais<sup>1</sup>, em articulação com a percepção imediata do próprio trabalhador frente às especificidades da sociedade vigente.

Por consequência, há uma condescendência, de maneira intencional ou não, do processo formativo escolar, balizado pela hodierna política educacional (Base Nacional Comum Curricular – BNCC), ao priorizar a aprendizagem espontânea – advinda principalmente de competências e habilidades (Lavoura; Ramos, 2020) para atuar no mundo (do mercado) em constante mudança.

À vista disso, o objetivo deste manuscrito é examinar criticamente a relevância da educação escolar atual como premissa para o processo formativo do trabalhador, em proveito ou não da superação da dissonância cognitiva ensejada pelas *fake news* (na relação com negacionismo e teorias da conspiração), principalmente por meio das plataformas sociodigitais.

No que se refere ao aspecto teórico-metodológico, procurou-se apoiar em pressupostos da teoria pedagógica histórico-crítica para evidenciar determinadas categorias analíticas, em articulação com princípios do materialismo histórico-dialético que, por sua vez, apresenta pressupostos teórico-ontológicos para reflexão e objetividade da análise crítica sobre a realidade concreta.

Parte-se, portanto, de pressupostos de que em uma teoria da educação verdadeiramente crítica (Saviani, 2019), isto é, uma ciência autônoma e unificada (Saviani, 2013a; Bernardo Silva, 2018) a partir de uma concepção crítica de educação. Autônoma porque procura elucidar problematizações no campo pedagógico, em última instância, na relação professor-aluno. Também é unificada, pois mobiliza distintas ciências como valiosos instrumentos, ao contribuir para compreender, de modo mais preciso, a educação escolar no âmbito da realidade concreta atual.

Em vista disso, o presente manuscrito está assim sistematizado: 1) exposição de breves apontamentos sobre o processo formativo do trabalhador no contexto vigente do modo societário capitalista neoliberal em relação ao avanço das tecnologias digitais; 2) crítica sobre a equação *exclusão + aprendizagem por competências + aprender a aprender* (Bernardo Silva, 2024), que resulta no direcionamento da finalidade da educação escolar para *preparar* o aluno, integrante da classe trabalhadora, a estar apto a aprender a se adequar às demandas exigidas pelo mercado de trabalho; e 3) como desdobramento da formação unilateral, direcionada para a empregabilidade, explicitam-se questões para a propagação e para a aderência de *fake news* (e com negacionismo e teorias da conspiração), via plataformas sociodigitais, contribuindo para a *epidemia* da dissonância cognitiva e, por consequência, em um devaneio social.

TECNOLOGIAS DIGITAIS COMO *TERRENO FÉRTIL* PARA A SOCIEDADE FLEXÍVEL: A FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO... *NEOLIBERAL*

O ser humano, no decorrer da história, criou condições para efetivar constantes transformações na natureza para o seu próprio benefício. Trata-se de algo específico dos seres humanos e que, no curso do desenvolvimento histórico, foi se complexificando. O modo de produção da existência humana destaca-se qualitativamente do modo de produção dos demais animais (Marx, 2014; Saviani, 2021c).

Saviani (2013b, p. 152) aponta que “o ato de agir sobre a natureza, adaptando-a às necessidades humanas, é o que conhecemos pelo nome de trabalho. Por isto podemos dizer que o trabalho define a essência humana”. Compreende-se que o trabalho é primordial para a manutenção da existência humana, e isso “faz com que a vida do homem seja determinada pelo modo como ele produz sua existência” (Saviani, 2013b, 152).

O modo de produção de existência capitalista, por um lado, conforme alertou Marx (2011), é o mais desenvolvido. Por outro lado, simultaneamente, é um modo societário em que prevalece uma classe social perante a outra. Destarte, nos dias atuais, o ser humano produz a sua existência por meio do modo de produção capitalista, mais precisamente no âmbito do neoliberalismo.

O neoliberalismo, enquanto teorização político-econômica, pressupõe uma descentralização das ações sociais geridas pelo Estado. Tornaram-se evidentes, a partir do final da década de 1970, os princípios neoliberais, influenciados por pensadores como Hayek (2022), Von Mises (2018) e Friedman (2023), à guisa de ilustração, sobre os posicionamentos políticos de Margaret Thatcher (1925-2013) e Ronald Reagan (1911-2004) (Harvey, 2014b). Em articulação com Reagan, Thatcher “[...] transformou toda a orientação da atividade de Estado, que abandonou a busca do bem-estar social e passou apoiar ativamente as condições ‘do lado da oferta’ da acumulação do capital” (Harvey, 2014b, p. 130).

É necessário, para a manutenção da sociedade vigente, que a classe dominante possa se apropriar dos bens de produção e naturalizar esse processo para a classe dominada, uma vez que aquilo que o trabalhador produz ao vender a sua força de trabalho não lhe pertence. Tal produção pertence ao capitalista, em outras palavras, à classe dominante.

Destaca-se, então, a reflexão de Mészáros (2023, p. 135) sobre o trabalho alienado em uma acepção marxiana: “Marx indica o *trabalho alienado* como a conexão essencial entre a totalidade do estranhamento e o sistema do dinheiro. A propriedade privada é considerada apenas o *produto*, a consequência necessária do trabalho alienado [...]”. Nesse sentido, afirma Mészáros (2023, p. 135): “Chega-se a essa conclusão com base no fato de que o trabalhador não poderia deparar-se com o produto de sua própria atividade como um estranho se não tivesse se alienado de si mesmo no próprio *ato da produção*”.

Como mencionado anteriormente, é salutar o processo de naturalização da exploração do trabalhador. As distintas formas de opressão também são importantes para a manutenção da sociedade vigente, mesmo que isso deflagre a exploração, cada vez mais, como é o caso da sociedade capitalista neoliberal vigente. Inclusive, recorre-se ao aparato das tecnologias digitais como forma de gerar mais-valor.

O Estado burguês neoliberal existe na possibilidade de favorecer o predomínio dos direitos individuais à luz da propriedade privada, do livre mercado, da privatização de setores estatais, ou seja, voltado para as *liberdades individuais* (Harvey, 2014a). A competição torna-se pressuposto importante e deve ocorrer em todas as instâncias sociais, inclusive *trabalhador versus trabalhador*.

Assim, destacam-se certos pontos expressos por Harvey (2014a, p. 76-77) sobre o neoliberalismo: *a)* “A livre mobilidade do capital entre setores, regiões e países é julgada crucial”; *b)* “A soberania do Estado com relação aos movimentos de mercado e de capital é entregue de bom grado ao mercado global”; e *c)* “A governança pelo regime da maioria é considerada uma ameaça potencial aos direitos individuais e às liberdades constitucionais”.

Alinhadas com características político-econômicas neoliberais, ocorrem duas questões importantes, tanto para as relações de trabalho quanto para o próprio processo formativo do trabalhador: o avanço das tecnologias digitais e o destaque ao clima cultural pós-moderno. No caso das tecnologias digitais, ou inicialmente, da Indústria 3.0:

As transformações técnicas, econômicas, sociais e ideológicas provocadas pela introdução da informática, das telecomunicações e da robótica no interior dos processos produtivos capitalistas – mormente nomeadas como Indústria 3.0 – permitiram, em um só turno, o ‘enxugamento’ das unidades fabris a partir da expulsão de milhares de trabalhadores de seus postos e, sobretudo, o controle logístico e a busca pela sincronização de tempos e espaços urbanos ocupados pela da circulação de mercadorias, redefinindo ou tencionando o conjunto das relações sociais de forma a viabilizar suas necessidades de reprodução (Faustino; Lippold, 2023, p. 22).

Há uma considerável mudança no modo de acumulação do capital, pois aumenta o acúmulo de capital pela classe dominante e a instabilidade e precarização das relações de trabalho para o trabalhador. Isso faz com que esse indivíduo tenha que ser flexível e polivalente o suficiente para se tornar um *ser humano (empregável)*, isto é, um *indivíduo... neoliberal* (Bernardo Silva, 2024).

No curso desse momento hodierno da sociedade, de acumulação flexível do capital, as transformações tecnológicas direcionadas para o processo ostensivo e desenfreado da acumulação do capital ocorrem em velocidade sem precedentes. Ampliam a precarização das relações de trabalho e contribuem para a formação de um contingente de reserva de trabalhadores com intuito de consolidar parâmetros de competitividade, polivalência e flexibilidade. Por consequência, Faustino e Lippold (2023, p. 23) expõem:

O desenvolvimento das tecnologias digitais no interior da assim chamada Indústria 4.0, especialmente no que tange à automação, redefiniu a arena da luta de classes mundial ao sofisticar as possibilidades de expropriação e levá-las a patamares inéditos, com

isso ampliando as desigualdades e a violência próprias à divisão internacional, regional e racial do trabalho.

As relações de trabalho na Indústria 4.0, em virtude, por exemplo, da automação articulada com a inteligência artificial, contribuem para a *institucionalização* da terceirização, da informalidade e da flexibilidade. “As tecnologias de informação e comunicação configuram-se, então, como um elemento central entre os distintos mecanismos de acumulação criados pelo capitalismo financeiro de nosso tempo” (Antunes, 2021, p. 13).

No jogo de *proclamações benéficas* das relações de trabalho vigentes para o trabalhador, via tecnologias de informação e comunicação, destaca-se a possibilidade do pequeno negócio, de ter autonomia para trabalhar, enfim, de uma nova configuração de empreendedorismo, em que todos podem estar diante das mesmas oportunidades.

Filgueiras e Antunes (2021, p. 63), sobre a questão do empreendedorismo, apontam que, supostamente, “[...] acarretaria uma democratização dos meios de produção (bastaria ter um computador/celular, carro ou mesmo bicicleta para a produção autônoma de renda, seja como criador, seja como parceiro de uma *startup*)”.

*Slogans*<sup>2</sup> são ocorrências comuns para designar as supostas possibilidades iguais para todos, como uma espécie de afirmação de que *as oportunidades são e estão para todos, trabalhe como quiser*, etc. Conforme Filgueiras e Antunes (2021, p. 63), “essa tendência se intensifica quando as empresas alegam disponibilizar aplicativos ou plataformas digitais para pessoas que querem ofertar e melhorar seus negócios, engendrando a ideia de que os/as trabalhadores/as seriam clientes dessas empresas”. Configura-se uma tentativa de consolidar a liberdade, a flexibilidade, etc. para as relações de trabalho do indivíduo.

A ideia de liberdade e flexibilidade (trabalhar quando e onde quiser) propagada pelas empresas constitui, na verdade, a transferência deliberada de riscos para aumentar o controle sobre os/as trabalhadores/as, pois essa liberdade significa ausência de salário garantido e incremento de custos fixos, que se convertem em responsabilidade do/as trabalhadores/as (Filgueiras; Antunes, 2021, p. 66).

Sobre as relações de trabalho na Indústria 4.0, cabe ao trabalhador se flexibilizar, tanto no seu processo formativo quanto nas próprias relações de trabalho. Ao destacar aspectos formativos do indivíduo, resgata-se novamente o posicionamento de Filgueiras e Antunes (2021, p. 69): “A despeito de não gozar da flexibilidade aludida pelas empresas, trabalhadores/as (e instituições) são fortemente influenciadas por esse discurso, interiorizando-o em suas práticas e em suas subjetividades”.

Portanto, o clima cultural pós-moderno contribui para introjetar, na subjetividade do trabalhador, uma compreensão confusa e distorcida sobre a situação social atual, predominantemente no que tange sua inserção e manutenção nas relações de trabalho neoliberais no limiar da chamada Indústria 4.0.

O termo pós-moderno, especialmente a partir da década de 1970, reverencia um direcionamento não mais estético, e passa a confluir “[...] conotação histórica na filosofia, na ética, na cultura, nas ciências sociais e humanas” (Della Fonte, 2022, p. 75). O

discurso pós-moderno refuta a ideia de metanarrativa, desconsiderando a condição da luta de classes, da totalidade, do desenvolvimento histórico, etc. Todavia, não se trata somente de um discurso pós-moderno, mas de uma agenda pós-moderna (Della Fonte, 2022). Eis a difícil condição de estabelecer uma definição propriamente dita.

Nesse sentido, Della Fonte (2022, p. 81) argumenta sobre a agenda pós-moderna: “[...] em um contexto de grande avanço tecnológico-informacional e de afirmação da ideologia e de políticas neoliberais, essa agenda expressa a atmosfera político-intelectual com bases pós-metafísicas e da virada linguística”. Viabiliza, em articulação com as tecnologias digitais, a possibilidade de impactar o processo formativo do trabalhador sobre preceitos distorcidos da realidade concreta. Há uma tendência de negar os aspectos objetivos da realidade concreta (Della Fonte, 2022).

Essa condição da agenda pós-moderna contribui para a consolidação de determinados fenômenos sociais atuais que interferem diretamente na compreensão distorcida sobre a realidade concreta. O olhar para a prática social-objetiva tende a ser embasado por crenças, emoções, enfim, pela relação rasteira do indivíduo em relação ao objeto, perante os fenômenos. Corroborar, de certo modo, para o fenômeno das *fake news*, do negacionismo e das teorias da conspiração.

Para ilustrar, destaca-se o recente movimento de ascensão da extrema direita (Brown, 2023) em eleições de países como Estados Unidos (com Trump) e Brasil (com Bolsonaro). Houve um movimento de grande parte da população de *negar* os elementos objetivos da realidade concreta ou da prática social-objetiva para embasar as escolhas perante o cenário político-econômico, entre outras dimensões sociais.

Della Fonte (2022, p. 86) argumenta que “esse comportamento coletivo não se desloca do cenário econômico mundial que tem sido dominado por empresas ‘plataformizadas’, a partir da expansão do arcabouço maquinico-informacional-digital no mundo produtivo [...]”. Empresas do setor das *Big Tech*, por exemplo, assumiram tamanho protagonismo mundial (Morozov, 2018; Empoli, 2020) que acabaram impactando o próprio curso das eleições presidenciais acima citadas. Conforme Della Fonte (2022, p. 86), “o sistema de algoritmos utilizados por essas firmas cria ‘bolhas’ que isolam os usuários, fazendo-os receber somente informações que corroboram seu ponto de vista”.

Os caminhos digitais dos indivíduos permitem, via algoritmos (Beiguelman, 2021), decifrar especificidades e estabelecer condições para influenciá-los de distintas maneiras, desde para impulsionar o consumo inconsciente de determinados produtos (Bucci, 2021) até para influenciar na forma de pensar sobre a realidade concreta, mesmo estando totalmente desconexa com a própria objetividade da realidade concreta, da prática social-objetiva. Assim, as pessoas passam até mesmo a acreditar em e disseminar *fake news*.

Então, também corroboram com aspectos que influenciam no processo formativo do trabalhador em proveito de um senso comum neoliberal, e principalmente obscurantista (Duarte; Mazzeu; Duarte, 2020). Isto porque o desenvolvimento da concepção de mundo do indivíduo é salutar para que ele possa *estar* e *intervir* na realidade concreta. A tendência é que o indivíduo, especialmente o membro da classe

trabalhadora, desenvolva uma concepção de mundo a partir do senso comum, que em última instância é influenciado pelos preceitos do capitalismo contemporâneo.

Logo, para que esse indivíduo se aproprie das máximas objetivações humanas e das verdades descobertas (considerando a prática social como critério de verdade), há um impedimento que está alojado justamente na especificidade societária capitalista que é materializada no senso comum.

[...] essa socialização das verdades já descobertas e sua transformação em base de ações vitais choca-se com a dinâmica essencialmente privatista e competitiva da sociedade capitalista, especialmente nas últimas décadas do século XX e nas duas primeiras décadas deste século XXI em que as reconfigurações do sistema produtivo e as reordenações político-sociais neoliberais têm acentuado o caráter antioletivo, elitista, desumano, imediatista e inconsequente da sociabilidade capitalista (Duarte; Mazzeu; Duarte, 2020, p. 721).

O processo formativo do indivíduo e, por consequência, o desenvolvimento da sua concepção de mundo, está diretamente influenciado pelos ditames capitalistas neoliberais hodiernos. Destarte, impera uma condição de efetivar, como aspecto nodal, o senso comum que deve ser, por sua vez, neoliberal e obscurantista. Assim, o *andamento* da vida social do indivíduo fica inexoravelmente a cargo das leis do mercado. Ainda, para a consolidação desse senso comum, a educação escolar torna-se uma importante dimensão social para efetivar esse tipo de formação, isto é, *introjetar* essa lógica de vida social na subjetividade do indivíduo, membro da classe trabalhadora.

#### FORMAÇÃO ESCOLAR PARA *APRENDER A APRENDER A SER EMPREGÁVEL*

Considerar a periodização estabelecida por Saviani (2021b), sobre a história das ideias pedagógicas no contexto brasileiro demonstra, que a partir do início da década de 1990, consolida-se uma concepção neoprodutivista de educação, cujo alinhamento ocorre com os preceitos neoliberais e da agenda pós-moderna.

Em linhas gerais, pode-se compreender a concepção neoprodutivista como um desdobramento da concepção pedagógica produtivista desenvolvida a partir das décadas de 1950 e 1960, cuja *materialidade oficial* no Brasil aconteceu pela pedagogia tecnicista (Saviani, 2021a). Essa concepção pedagógica “[...] postula que a educação é um bem de produção e não apenas bem de consumo. Tem, pois, importância decisiva no processo de desenvolvimento econômico” (Saviani, 2021a, p. 144). A base parte da teoria do capital humano é, por sua vez, de acordo com Saviani (2021a), alinhada ao positivismo no âmbito da versão estrutural-funcionalista.

A partir da década de 1990, mesmo com o *enfraquecimento* da pedagogia tecnicista na década de 1980, a concepção pedagógica produtivista (uma espécie de neoprodutivismo) ainda se configura hegemônica, agregando novas vestimentas. Em outras palavras, estabeleceu-se um alinhamento, no que tange ao processo de ensino escolar, com o cognitivismo construtivista (Saviani, 2021a; 2021b).

O caráter produtivista dessa concepção pedagógica tem uma dupla face: a externa, que destaca a importância da educação no processo de produção econômica, e a interna, que visa a dotar a escola de um alto grau de produtividade potencializando os investimentos nela realizados pela adoção do princípio da busca constante do máximo de resultados com o mínimo de dispêndio (Saviani, 2021a, p. 144).

Nesse sentido, no bojo da concepção neoprodutivista de educação alojam-se distintas variações sobre o papel da educação escolar. Há o aspecto econômico-pedagógico, em que a categoria exclusão torna-se fator cabal para o processo formativo escolar, principalmente no âmbito da esfera pública (Saviani, 2021b). Esse aspecto expõe delineamentos em que a educação escolar assume a importância para a formação do trabalhador, direcionada para a flexibilidade e polivalência para empregabilidade. Ainda há a influência do setor econômico para a formação de quadros de trabalhadores aptos a se inserirem no mercado de trabalho.

A naturalização da exclusão é posição importante, pois nesse processo, a reponsabilidade de empregabilidade ou não está condicionada exclusivamente ao trabalhador. Sucesso ou fracasso é responsabilidade dele próprio, porque as condições estão postas da mesma maneira para todos os indivíduos. Ocorre, portanto, aquilo que Saviani (2021b) denomina *pedagogia da exclusão*.

O trabalho educativo deve inculcar no trabalhador que sempre existe oportunidade, e ele deve ter a formação necessária. É fundamental que ele entenda que é necessário estar a todo momento aprofundando a sua formação para atender as exigências do mercado, onde impera a lógica da competição. Atualmente, quando existem as plataformas digitais (e sociodigitais) como suposta democratização do conhecimento, os trabalhadores devem estar sempre *atualizados* para, nas entrelinhas, competirem entre si. Se não estiverem, a culpa será deles mesmos (Saviani, 2021b).

Outro ponto a ser considerado na educação escolar, sobre o processo formativo do trabalhador, é a *pedagogia das competências* (de base psicopedagógica) (Saviani, 2021b). O que está posto é a adaptação do trabalhador às condições sociais vigentes: “para a adaptação ao meio natural e material entrariam em cena as competências cognitivas; e os mecanismos de adaptação ao meio social seriam constituídos pelas competências afetivo-emocionais” (Saviani, 2021b, p. 437). Não por acaso, a *pedagogia das competências* é o principal referencial da vigente política educacional curricular no Brasil (Lavoura; Ramos, 2020).

Nesse sentido, este manuscrito busca salientar o movimento articulado com as bases educativas anteriores, em que se destaca a ênfase da aprendizagem e que, portanto, tal aprendizagem pode ocorrer nos mais variados espaços sociais, inclusive nas plataformas sociodigitais. A educação escolar está incumbida de fazer com que o aluno *aprenda a aprender* (Duarte, 2011). A ênfase está no psicológico, no método elaborado pelo aluno, na espontaneidade e no interesse do aluno (na sua percepção cotidiana). “[...] o mais importante não é nem ensinar e nem aprender algo, isto é, assimilar determinados conhecimentos” (Saviani, 2021b, p. 431). O que está em voga “[...] é aprender a aprender, isto é, aprender a estudar, a buscar conhecimentos, a lidar com

situações novas. E o papel do professor deixa de ser o daquele que ensina para ser o de auxiliar o aluno em seu próprio processo de aprendizagem” (Saviani, 2021b, p. 431).

Contudo, esse ideário do *aprender a aprender* sofre alterações para poder atender a concepção neoprodutivista de educação. Inicialmente esse ideário, a partir das ideias pedagógicas escolanovistas, ocorria no processo de formação de crianças, sendo direcionado “[...] à valorização dos processos de convivência entre as crianças, do relacionamento entre elas e com os adultos, de sua adaptação à sociedade [...]” (Saviani, 2021a, p. 147).

Agora, no bojo da concepção neoprodutivista, há outra conotação, que passa a estabelecer uma nova *vestimenta*, cujo intuito é atrelar a formação do indivíduo à acumulação capitalista neoliberal. “[...] na situação atual, o ‘aprender a aprender’ liga-se à necessidade de constante atualização exigida pela necessidade de ampliar a esfera da empregabilidade” (Saviani, 2021b, p. 432).

Por consequência, a partir do ideário do *aprender a aprender*, torna-se evidente a possibilidade de que o processo formativo do indivíduo deve ocorrer em distintos espaços sociais, não somente no âmbito escolar. Como não se trata do processo educativo escolar para uma formação crítica diante das especificidades da sociedade vigente, acaba sendo um constante processo de adaptação do trabalhador para naturalizar os preceitos sociais chancelados pelo livre mercado. Nisso, as plataformas sociodigitais assumem uma importância relevante.

Tais práticas se manifestam com características *light*, espalhando-se por diferentes espaços, desde as escolas propriamente ditas, passando por ambientes empresariais, organizações não governamentais, entidades religiosas e sindicais, academias e clubes esportivos, sem maiores exigências de precisão conceitual e rigor teórico, bem a gosto do clima pós-moderno (Saviani, 2021a, p. 433-434).

Em uma acepção gramsciana, Duarte, Mazzeu e Duarte (2020) destacam que o processo formativo dos indivíduos ocorre pela sua vida cotidiana, em que predomina a concepção de mundo imediatista, ofuscando a possibilidade da autoconsciência. Os autores enfatizam que se trata do “[...] resultado de uma relação passiva com o mundo que precisa ser superada [...]” (Duarte; Mazzeu; Duarte, 2020, p. 718).

Pontua-se que, considerando o direcionamento neoprodutivista da educação escolar para a formação do trabalhador, há o predomínio da concepção de mundo imediatista, em que a ênfase dada está alinhada com as demandas neoliberais que atendem, por sua vez, apenas os interesses da classe dominante. Ocorre, por meio do senso comum, a naturalização dos atuais aspectos estruturantes de acumulação do capital. Há, na verdade, a tentativa, no bojo do processo formativo, de consolidar aquilo que Duarte, Mazzeu e Duarte (2020) denominam senso comum neoliberal obscurantista, conforme mencionado anteriormente.

O conhecimento historicamente sistematizado (conhecimento objetivo) – a ciência, a filosofia e a arte – é esvaziado no ambiente escolar destinado para a classe trabalhadora. O que está alojado na formação do indivíduo é a flexibilidade, a polivalência e a exclusão da promoção humana na máxima complexidade. A razão para isso é que, na relação entre exploração e opressão, o capitalismo contemporâneo e as

especificidades conservadoras para a educação escolar configuram-se em uma dinâmica “[...] recrudescida em seu caráter autoritário e autocrático, não como um momento ‘fora da curva’, mas como uma das faces da organização político-econômica própria do sistema capitalista e sua particularidade capitalista dependente” (Accioly; Silva; Silva, 2023, p. 44).

A educação escolar, na concepção neoprodutivista de educação, denota-se como o *não lugar* do conhecimento historicamente sistematizado como contributo para a formação integral do indivíduo. Trata-se não de assegurar aquilo que é essencial para tal formação, mas estabelecer uma formação para atender as demandas do mercado de trabalho, assumindo o senso comum neoliberal obscurantista. O que está em pauta é o esvaziamento do critério de clássico<sup>3</sup> no âmbito do currículo formativo escolar. Isso porque “o clássico não se confunde com o tradicional e também não se opõe, necessariamente, ao moderno e muito menos ao atual. O clássico é aquilo que se firmou como fundamental, como essencial” (Saviani, 2021c, p. 13). Logo, compreende-se que o conhecimento historicamente sistematizado é fator essencial, considerando o critério de clássico, para o processo formativo de aluno para além dos ditames educacionais neoliberais.

Entretanto, como o predomínio no campo educacional atual é da síntese da equação entre *exclusão + competências + aprender a aprender = formação do indivíduo... neoliberal (possibilidade de empregabilidade)* (Bernardo Silva, 2024), no prelo, cadencia-se por uma percepção cotidiana da realidade, naturalizando os fatores sociais do capitalismo contemporâneo em uma sociedade dependente e periférica.

Assim, isso acaba sendo um movimento benéfico para a perpetuação dos interesses da classe dominante na *subjetividade* da classe dominada. Destacam-se, por exemplo, as *fake news*, o negacionismo e as teorias da conspiração (caráter obscurantista), propagadas via determinadas plataformas sociodigitais, como fator recente que contribui para desencadear o fenômeno da dissonância cognitiva.

#### DISSÔNANCIA COGNITIVA E O PREDOMÍNIO DO FARDO CONSERVADOR NA PERCEPÇÃO COTIDIANA DO TRABALHADOR: PREVALÊNCIA DO DEVANEIO SOCIAL

Entre os anos 2019 e 2022, foi possível constatar uma síntese de um momento social excepcional, no sentido negativo, para o processo democrático no contexto brasileiro. A ascensão de um governo de extrema direita, reacionário e com fortes características fascistas mobilizou diversas ações tanto do próprio governo quanto de uma cota considerável da população brasileira, inclusive de trabalhadores. Os mais variados fatos que aconteceram no Brasil impactaram a polarização que culminou na acentuada onda de intolerância materializada em ódio, violência, descaso social, em suma, em morte.

O que se procura destacar, nesse momento, é que Bolsonaro, no campo da extrema direita, tendo em vista o modismo mundial, conseguiu alastrar sua perspectiva extremista e radical para uma parcela considerável da população brasileira. De maneira espantosa ou não, Bolsonaro conseguiu se tornar “[...] o porta-voz ecumênico do

radicalismo de direita (abraçando o conservadorismo religioso e o ultraliberalismo econômico) e de encarnar a revolta contra o 'sistema'" (Miguel, 2023, p. 19-20).

A lógica ocorreu, *grosso modo*, pela precarização do debate público e pela ênfase na difusão sistemática de mentiras (as *fake news*), oriunda de um *cenário* cognitivo nebuloso (intitulado por alguns pensadores como *pós-verdade*), com o predomínio de bolhas no mundo das plataformas sociodigitais (negando o caráter contraditório do debate sobre a realidade e produzindo *fake news*, posicionamentos negacionistas e teorias da conspiração) (Miguel, 2023).

O esvaziamento de uma compreensão sistematizada sobre a realidade concreta e as distintas questões ocorridas no cenário político-econômico brasileiro nos anos supramencionados foi, possivelmente, a articulação necessária para vangloriar e colocar no poder um antedemocrata como Bolsonaro. Por conseguinte, ao profanar a democracia, o Estado Democrático de Direito mobilizou uma legião de militantes que, juntamente, com ele, passaram a se aproximar, intencionalmente ou não, e louvar a intolerância, o ódio, a violência, o descaso social, etc.

Além do mais, o bolsonarismo, enquanto fenômeno social, pode ser caracterizado como "[...] uma doutrina racista, autoritária, excludente e pelo cultivo do ódio e da mentira como forma de mobilizar seus militantes" (Silva, 2023, p. 25). A condição da dissonância cognitiva que se tornou algo coletivo e de devaneio social foi *recheada* de contradições que encarnavam, em última instância, a desumanização do indivíduo.

Isso pode ser exemplificado ao evidenciar as *fake news*, o trato negacionista e as teorias da conspiração, desde a pandemia da Covid-19 pelo governo Bolsonaro, com a anuência de uma parcela considerável da população, até as implicações pós-eleições de 2022 para a Presidência da República. Imperou e ainda, de certo modo, impera a manifestação de absurdos cometidos por populares, conforme exemplificado na nota de rodapé seguinte.

Destarte, questiona-se como esse movimento iniciou e, posteriormente, acentuou-se a tal ponto de ser consolidado da maneira que ocorreu nos últimos anos. Sem dúvida, não se trata de um processo que iniciou em 2019, com o ingresso de Jair Messias Bolsonaro na Presidência da República. Trata-se de complexos fatores histórico-sociais (conservadores e autoritários) que forjam as características dominantes no contexto histórico brasileiro.

Contudo, este manuscrito não procura realizar um aprofundamento sobre tal contexto social, embora seja importante. Procura-se apresentar elementos para a reflexão da dimensão que se caracteriza como hodierno cenário de devaneio social, cujo posicionamento evidenciado aloja-se na condição de dissonância cognitiva de uma parcela considerável da população brasileira.

Nesse contexto no contexto histórico atual, conforme mencionado anteriormente, ocorre a vigência do espectro da dissonância cognitiva<sup>4</sup>. Para Rocha (2023, p. 83), esse espectro é "[...] materializado num movimento transnacional, favorecido pela onipresença do universo digital e das redes sociais no dia a dia planetário". Ainda a partir do autor supracitado, considerando os fatos que envolveram e envolvem, de certo modo, o fenômeno *bolsonarismo*, que transcende o indivíduo Jair Messias Bolsonaro, a dissonância cognitiva é compreendida como

"[...] desconforto subjetivo causado pela consciência da distância entre crenças e comportamentos" (Rocha, 2023, p. 84).

Em consonância com o que foi mencionado, destaca-se também o movimento de *devaneio social* como "[...] a ausência da razão, o delírio que culmina em uma crença sem fundamentos para aferir e compreender, concretamente, os condicionantes sociais atuais" (Bernardo Silva, 2023, p. 09). Consequentemente, "a compreensão da realidade ocorre por meio de determinada crença da qual não se tem uma análise sistematizada" (Bernardo Silva, 2023, p. 09).

As plataformas sociodigitais, enquanto tecnologia digital, agregam características fulcrais para a disseminação de *fake news*, que culminam no constante processo de legitimar inverdades para atingir interesses de determinado grupo social, contribuindo para o processo de dissonância cognitiva e de devaneio social. É, portanto, uma das possibilidades para suprimir contradições do capital.

À vista disso, sobre as contradições do capitalismo, balizado na acepção marxiana, Harvey (2021) argumenta que ocorrem distintas contradições no bojo do capitalismo. Afinal, as contradições são condição *sine qua non* para o desenvolvimento do capital. O autor destaca determinadas contradições caracterizadas como fundamentais, mutáveis e perigosas, articuladas entre si. Nesse momento, destaca a contradição mutável: tecnologia, trabalho e descartabilidade humana.

Cabe evidenciar, inicialmente, que "a tecnologia pode ser definida como o uso de processos e coisas naturais na fabricação de produtos para propósitos humanos" (Harvey, 2021, p. 93). A tecnologia, inserida em uma das contradições mutáveis, é um desdobramento das contradições fundamentais (constantes) do capital (como valor de uso e valor de troca, por exemplo). Porém, tais categorias são instáveis e sempre mudam. A tecnologia, nesse sentido, está a favor da maximização da produção para gerar mais-valor de maneira cada vez mais acentuada. Isso foi evidenciado anteriormente, ao sublinhar determinados aspectos, em linhas gerais, sobre as tecnologias digitais nos últimos anos.

As tecnologias digitais têm como ponto nodal, na sua materialização, contribuir para o processo de acumulação do capital. O desenvolvimento das tecnologias digitais, no âmbito da Indústria 4.0, "[...] redefiniu, novamente, a luta de classes, ao complexificar qualitativamente – sem, contudo, superar – os processos de dominação econômica, política, social e racial de determinados territórios, grupos ou países" (Faustino; Lippold, 2023, p. 75). Urge, portanto, uma contradição real do capital.

Entretanto, ao evidenciar as especificidades das plataformas sociodigitais enquanto um dos produtos da Indústria 4.0, pode-se constatar determinados desdobramentos que contribuíram para o avanço e, de certo modo, para a naturalização da disseminação das *fake news*, implicando na junção de fatos descontraídos, fora de contexto, e até mesmo fraudulentos – feitos de má-fé com a intenção de provocar a desinformação. Tal fator corrobora com o fenômeno da dissonância cognitiva e de devaneio social conferida aos dias atuais.

O YouTube, por exemplo, como plataforma sociodigital cuja finalidade é ser produtora de audiência (Raulino, 2022), foi e continua sendo importante canal para propagar a desinformação. Implicitamente ou não, contribui para o processo de

dissonância cognitiva e de devaneio social. De acordo com Raulino (2022, p. 209), no caso do YouTube, assim como do Facebook, a proposta econômica é explícita:

[...] capital-dinheiro é investido no desenvolvimento da plataforma (tecnologias, serviços e produtos) para disponibilizá-la gratuitamente como um ambiente de diversão, mas, acima de tudo, um espaço que permita o monitoramento de todos os contatos, comunicações e dados dos usuários. Com base nessa vigilância estendida a toda internet, essas corporações vendem espaços de publicidade altamente segmentados, direcionados àqueles mesmos usuários que produziram os dados. Dito de outro modo, o valor proveniente das conexões, dos dados delas resultantes e da atenção da audiência é realizado, ou seja, convertido em dinheiro principalmente pela venda de publicidade.

Observa-se a conotação cabal para produzir lucro pelas possibilidades das plataformas sociodigitais. A venda de publicidade é inerente e, destarte, é necessário ter audiência. A audiência materializa-se pelo constante acesso de inúmeros usuários aos conteúdos disponibilizados, nesse caso, no YouTube. Do ponto de vista econômico, é salutar que tal plataforma sociodigital não restrinja conteúdos, inclusive aqueles que propagam *fake news*. No seu núcleo, aloja a necessidade de audiência (engajamento) para gerar publicidade e resultar em dinheiro. Se um conteúdo propaga *fake news*, mas tem audiência, a plataforma tende a encontrar subterfúgios para a manutenção do referido conteúdo.

Não à toa, em tempos em que se procura concretizar o senso comum neoliberal obscurantista (Duarte; Mazzeu; Duarte, 2020), *naturalmente* se consolida, via contribuição das plataformas sociodigitais, uma condição de compreensão da realidade concreta de maneira difusa, incompleta, isto é, falseada. Em tal senso comum neoliberal obscurantista, a educação escolar, a partir de uma concepção neoprodutivista de educação, pressupõe o processo formativo escolar por meio da equação *exclusão + aprender a aprender + competências = indivíduo... neoliberal (possibilidade de empregabilidade)* (Bernardo Silva, 2024), destituído do conhecimento historicamente sistematizado.

Portanto, é oportuna a vigência das *fake news* e da *pós-verdade* como (suposto) recente código de relações (Costa; Gomes, 2022). Esse tipo de código ou conjunto de expressões conduzem para um falseamento da realidade, articulado com o negacionismo e as teorias conspiratórias. As plataformas sociodigitais configuram importante meio para disseminação de *fake news* (embora não o único).

Pelo intermédio de plataformas sociodigitais, como o YouTube, foi possível propagar de maneira rápida e voraz determinadas *fake news*. Justamente pelo fato de que impera, no bojo da atual sociedade capitalista neoliberal e no processo formativo do indivíduo, o contexto de *miséria do saber* (Costa; Gomes, 2022).

[...] as *fake news*, a “pós-verdade”, os revisionismos e os negacionismos expressaram uma congruência entre a excessiva ênfase relativista, subjetivista e revisionista postulada por parte da crítica pós-moderna que, no limite, incide sobre o tensionamento dos critérios de verdade, totalidade e objetividade [...]. Essa

reificação [a miséria do saber] se expressa a partir de conhecimentos que, ao invés de desmistificar, mistificam, tornando incognoscível o real (Costa; Gomes, 2022, p. 244).

Conforme mencionado, atualmente há uma tendência, na própria educação escolar, de evidenciar o senso comum como condição fulcral para que o trabalhador possa compreender a realidade. Esse formato de compreensão da realidade acontece pela percepção imediata, ou seja, por ponto de vista cotidiano. Konder (2020, p. 253) salienta que “a consciência cotidiana precisa de certa *espontaneidade*, que lhe impõe limitações, quando comparada às formas de percepção e compreensão da realidade proporcionadas pela arte e pelas ciências”. Por conseguinte, complementa o autor, “no âmbito da cotidianidade, o sujeito tende a se adaptar passivamente às circunstâncias, adquire e conserva hábitos, tende à imitação e à repetição. Suas crenças e convicções se simplificam e ocupam um grande espaço na sua percepção cotidiana” (Konder, 2020, p. 253).

Logo, a *miséria do saber*, via articulação entre *fake news*, negacionismo e teorias da conspiração, contribui para a dissonância cognitiva (Rocha, 2023) e para a situação de devaneio social (Bernardo Silva, 2023). Geralmente, trata-se de dissonância cognitiva e de devaneio social que envolvem aspectos religiosos (fundamentalismo e extremismo religioso), guerra cultural (aspectos morais sobre o modelo tradicional de família, hierarquias de gênero e raça), meritocracia (esforço individual), negacionismo e anticientificismo, etc.

Dantas *et al.* (2022), sobre os últimos anos no Brasil, evidenciam outra plataforma sociodigital como instrumento protagonista para a expansão da dissonância cognitiva e do devaneio social:

[...] nos últimos dois ou três anos, uma extraordinária expansão do discurso político-cultural conservador, reacionário, ou mesmo obscurantista, difundido pelas assim chamadas “redes sociais”, muito especialmente pela plataforma WhatsApp. Esse discurso mostra-se poderoso, entre outros motivos, porque chega a seus destinatários e destinatárias por fontes e meios que lhes parecem “familiares” – a própria plataforma de ativo uso cotidiano e as pessoas que enviam ou reproduzem as mensagens: um parente muito presente, um amigo ou amiga próximos, conhecidos ou conhecidas do bairro ou da comunidade, o pastor ou padre etc. Por mais inverossímil que a “notícia” possa parecer às mentes esclarecidas, ela será aceita por esses destinatários e destinatárias devido a sua relação de intimidade comunitária, isto é, em um contexto semiótico que não parece conflitar com outros valores éticos ou morais dessas vidas redundantes, antes pelo contrário: essas mensagens estão embebidas deles e neles (Dantas *et al.*, 2022, p. 287-288).

Ao invés de perpetuar o discurso em uma perspectiva progressista, preocupando-se com a condição social da classe trabalhadora, que é a maioria da

população brasileira, o que se apresenta é, predominantemente, por um lado, um discurso inverso, oriundo de movimentos que elaboram quase sempre um discurso raso e rasteiro, mas reluz no bojo da classe trabalhadora. Por outro lado, mostra-se um domínio no manuseio de distintas plataformas sociodigitais e, por conseguinte, como destaca Empoli (2020), da *matemática* dos algoritmos, obviamente com recurso financeiro daqueles que detêm os meios de produção. Conforme Cesarino (2022, p. 148),

Trata-se de públicos que ganham relevância e, não raro, dinheiro avançando narrativas que vicejam com facilidade no ambiente invertido da economia da atenção: alegam trazer o novo, quebrar tabus, libertar o que se encontrava sufocado, revelar verdade que alguma elite “não quer que você conheça”. Influenciadores são abraçados pela base de fãs por parecerem autênticos, não terem medo de falar o que pensam. Embora esse viés antiestrutural seja especialmente evidente nos públicos populistas, ele é transversal à plataformização e não se restringe à direita do espectro político.

Assim, está posta a receita para formar o cenário ideal para evidenciar tempos escusos em uma panaceia da *transformação para a manutenção do status quo*, com a relevante onda atual autoritária e reacionária, com normalização de *fake news* articuladas com o movimento do negacionismo e de teorias da conspiração, com um processo formativo em distintos espaços sociais e na própria escola em proveito do senso comum (da cotidianidade) neoliberal obscurantista. Somam-se, ainda, o avanço e predomínio de plataformas sociodigitais, tais como *YouTube, WhatsApp, Facebook, Telegram, Instagram, X* (antigo *Twitter*), etc., e como instrumentos para a propagação de *notícias* não verdadeiras.

Afirmam Dantas *et al.* (2022, p. 288):

[...] o discurso que mostra estrita consonância cognitiva com essa grande população, tanto nos tempos passados do rádio ou da TV como agora nas redes, é centrado no *imediato do presente*, no imediato do tempo e do território, no atendimento às necessidades comezinhas, não somente as materiais como as espirituais – sobretudo as espirituais – de uma grande população que só vive o aqui e, por isso, só pode imaginar o agora.

Portanto, a formação do trabalhador somente para o mercado de trabalho e em detrimento da apropriação das máximas objetivações humanas é um projeto societário conservador e que se acentuou com a contribuição das tecnologias digitais nas relações de trabalho e das plataformas sociodigitais nas relações sociais como um todo. Configura o predomínio do fardo conservador na percepção imediata do trabalhador sobre a realidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurou-se destacar a relevância das tecnologias digitais para o contínuo processo de acumulação do capital e de expropriação do humano no neoliberalismo. Com isso, destacaram-se pressupostos que pressupõem que o processo formativo do

trabalhador, enquanto dimensão de expropriação, deve compactuar com os ditames da sociedade capitalista em seu atual estágio, isto é, na sociedade flexível. O trabalhador também passa a assumir a exigência de ser flexível e polivalente em uma lógica pragmática e utilitarista, acentuando a condição de estar sempre apto para se tornar empregável.

A educação escolar, nesse caso, é um fenômeno social fundamental para consolidar os preceitos neoliberais na subjetividade do trabalhador. Destarte, expõe o *aprender a aprender* em distintos espaços sociais (inclusive nas plataformas sociodigitais), em articulação com a naturalização da exclusão e a mobilização de competências para a *vida social*, eminentemente oriundas das demandas do mercado de trabalho. Logo, o conhecimento historicamente sistematizado é esvaziado no cenário educacional chancelado, também pelas políticas educacionais vigentes. A formação do trabalhador ocorre de maneira unilateral, fragmentada, imperando o senso comum neoliberal obscurantista, ou seja, a formação do indivíduo... *neoliberal*.

A dissonância cognitiva e o devaneio social ocorrem na possibilidade, por meio do processo formativo em geral do trabalhador e, em especial, no âmbito da educação escolar, pelo viés neoliberal e, conseqüentemente, pelas possibilidades provenientes de aparatos tecnológicos, como as distintas plataformas sociodigitais.

Em suma, argumenta-se que este manuscrito é oriundo de uma *crítica-denúncia* em *status* inicial. Portanto, são necessários novos aprofundamentos via concepção crítica de mundo e de educação, a partir de pressupostos do materialismo histórico-dialético e da pedagogia histórico-crítica, em que prevalece a necessidade cabal do processo de transmissão e apropriação do conhecimento historicamente sistematizado para além da formação apenas para o mercado de trabalho.

Artigo recebido em: 01/07/2023

Aprovado para publicação em: 30/10/2023

---

#### SOCIODIGITAL PLATFORMS, FAKE NEWS AND COGNITIVE DISSONANCE: ISSUES ON SCHOOL EDUCATION

**ABSTRACT:** This manuscript seeks to address elements of the individual's cognitive dissonance before the current social situation, in his/her relationship with fake news and with certain socio-digital platforms. The objective was critically examining the relevance of today's school education as a premise for the worker's training process, whether to overcome the cognitive dissonance caused by fake news, denialism, and conspiracy theories, mainly via socio-digital platforms. Through theoretical-bibliographical research in the light of principles from historical-dialectical materialism and historical-critical pedagogical theory, it was found that in current school education there is a predominance of unilateral worker training that substantiates the possibility of cognitive dissonance in times of fake news in communion with denialism and conspiracy theories.

**KEYWORDS:** Sociodigital Platforms; Fake News; Cognitive Dissonance; Schooling.

PLATAFORMAS SOCIODIGITAIS, *FAKE NEWS* Y DISONANCIA COGNITIVA: CUESTIONES SOBRE LA EDUCACIÓN ESCOLAR

**RESUMEN:** Este manuscrito busca abordar elementos de disonancia cognitiva del individuo frente a la situación social actual, en su relación con las noticias falsas y con determinadas plataformas socio-digitales. El objetivo fue examinar críticamente la relevancia de la educación escolar actual como premisa para el proceso de formación del trabajador, superando o no la disonancia cognitiva provocada por las noticias falsas, negacionismo y teorías de la conspiración, principalmente a través de las plataformas socio-digitales. Por medio de una investigación teórico-bibliográfica, a la luz de principios del materialismo histórico-dialéctico y de la teoría pedagógica histórico-crítica, se constató que, en la educación escolar actual, predomina la formación unilateral del trabajador, que fundamenta la posibilidad de disonancia cognitiva en tiempos de noticias falsas en comunión con negacionismo y teorías conspirativas.

**PALABRAS CLAVE:** Plataformas Socio-digitales; Noticias Falsas; Disonancia Cognitiva; Enseñanza.

---

NOTAS

1 - Conforme Raulino (2022, p. 145), apoiando-se em Martens, as plataformas sociodigitais podem ser classificadas da seguinte maneira, enquanto modelos de negócio: “i) as que visam facilitar diretamente a compra e a venda de produtos ou serviços (‘produtoras de mercado’, a exemplo da Amazon); ii) as que têm na veiculação publicitária suas principais fontes de receitas (‘produtoras de audiência’, como o Facebook); e iii) as que gerenciam as transações financeiras, facilitam pagamentos etc. (por exemplo, o PayPal). A esses tipos cabe acrescentar um quarto, evidenciado durante a pandemia de covid-19: as plataformas de mobilidade ou transporte, a exemplo do iFood ou Uber”. No caso em tela, foram realizados apontamentos sobre determinadas plataformas sociodigitais similares, na sua estrutura, ao Facebook.

2 - Scheffler (1974), ao discutir sobre *slogans* educacionais, expõe pressupostos pertinentes para compreendê-los no bojo das relações de trabalho atuais com o objetivo implícito de *(des)configurar* a essência de tais relações. Destarte, vale expor o seguinte posicionamento do autor sobre os referidos *slogans* educacionais: “são inteiramente assistemáticos, de tom menos solene, mais populares, a serem repetidos com veemência ou de maneira tranquilizadora, e não a serem gravemente meditados. [...] Falamos das definições como esclarecedoras, mas não dos *slogans*; os *slogans* podem ser estimulantes, mas não as definições” (SCHEFFLER, 1974, p. 46).

3 - Para Saviani (2021c, p. 17), na perspectiva histórico-crítica, “[...] clássico na escola é a transmissão-assimilação do saber sistematizado. Este é o fim a atingir. É aí que cabe encontrar a fonte natural para elaborar os métodos e as formas de organização do conjunto das atividades da escola, isto é, o currículo”.

4 - À guisa de exemplo, pode-se lembrar o caso pitoresco do *patriota do caminhão* (Cabral, 2022), em 2022, após o término da eleição para a Presidência da República, quando tal indivíduo ficou agarrado na frente de um caminhão em movimento em uma rodovia no estado de Pernambuco. Também se pode destacar o caso de outro *patriota-bolsonarista*, no Rio de Janeiro (RJ), que em uma manifestação, no dia 15 de novembro de 2023, com viés político e pautas ainda antidemocráticas (tal como em 2022, no caso do *patriota do caminhão*), o novo caso cômico e ainda preocupante ocorreu por conta do *patriota-bolsonarista* se jogando embaixo de uma viatura policial. Conforme Longo (2023, s./p., grifos do autor), “vestidos de verde e amarelo e com

bandeiras do Brasil, os bolsonaristas ficaram revoltados com **uma ação de agentes da secretaria municipal de Ordem Pública**, que agiram contra um ambulante que estava vendendo materiais no local. Em meio à ação, uma cena insólita foi registrada: um dos bolsonaristas, revoltados com a ação dos agentes da prefeitura, **se jogou sob o asfalto quente e embaixo da viatura**, na tentativa de impedir que o veículo avançasse”.

---

#### REFERÊNCIAS

- ACCIOLY, I.; SILVA, A. M.; SILVA, S. Guerra cultural e seus efeitos na educação pública brasileira. *In*: LEHER, R. (Org.). **Educação no governo Bolsonaro: inventário da devastação**. São Paulo: Expressão Popular, 2023. p. 43-61.
- ANTUNES, R. Trabalho intermitente e uberização do trabalho no limiar da Indústria 4.0. *In*: ANTUNES, R. (Org.). **Uberização, trabalho digital e Indústria 4.0**. 1ª ed. 2ª reimpr. São Paulo: Boitempo, 2021. p. 11-22.
- BEIGUELMAN, G. **Políticas da imagem: vigilância e resistência na dadosfera**. São Paulo: Ubu Editora, 2021.
- BERNARDO SILVA, M. **O objeto de conhecimento da educação física escolar na perspectiva da pedagogia histórico-crítica**. 203f. 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.
- BERNARDO SILVA, M. Educação escolar em tempos de devaneio social. **Revista Educação & Sociedade**, Campinas, v. 44, e269926, p. 01-21, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/nMVyP3Pg4wgB7qN5BppMnMr/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 19 nov. 2023.
- BERNARDO SILVA, M. Educação escolar e precarização do trabalho: uma educação do e para o mercado de trabalho. *In*: PREVITALI, F. S.; BILIO, M. G. P.; SILVA, M. R. A.; MOREIRA, R. M. M. (Orgs.). **Trabalho e educação sob o neoliberalismo: autonomia ou subordinação?** Natal: Editora Amplamente, 2024. p. 71-86.
- BROWN, W. **Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente**. 1ª ed. 4ª reimpr. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2023.
- BUCCI, E. **A superindústria do imaginário: como o capital transformou o olhar em trabalho e se apropriou de tudo que é visível**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- CABRAL, E. “Patriota do caminhão”: bolsonarista que viajou pendurado fala sobre vídeo que viralizou; “fui muito exposto”. **G1 Caruaru**, Caruaru, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/caruaru-regiao/noticia/2022/11/04/conhecido-como-patriota->

BERNARDO SILVA, M.; SCHLICKMANN, M. S. P.

do-caminhao-bolsonarista-que-viajou-pendurado-fala-pela-primeira-vez-sobre-video-que-viralizou-fui-muito-exposto.ghtml. Acesso em: 19 nov. 2023.

CESARINO, L. **O mundo do avesso**: verdade e política na era digital. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

COSTA, H. M.; GOMES, R. L. R. Filosofia da práxis, verdade e ciência em tempos de miséria do saber: proposições sobre a análise da realidade concreta e o “método de Gramsci”.

**Revista Germinal**: marxismo e educação em debate, Salvador, v. 14, n. 03, p. 243-260, dez. 2022. Disponível em:

<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/51543/28275>. Acesso em: 20 jun. 2023.

DANTAS, M. *et al.* Subsunção total do trabalho ao capital. *In*: DANTAS, M. *et al.* **O valor da informação**: de como o capital se apropria do trabalho na era do espetáculo e da internet. São Paulo: Boitempo, 2022. p. 268-291.

DELLA FONTE, S. S. A sobrevivência da agenda pós-moderna e seus malabarismos teórico-políticos. **Revista Germinal**: marxismo e educação em debate, Salvador, v. 14, n. 03, p. 73-94, dez. 2022. Disponível em:

<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/51502/28267>. Acesso em: 8 jun. 2023.

DUARTE, N. **Vigotski e o “aprender a aprender”**: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. 5ª ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2011.

DUARTE, N.; MAZZEU, F. J. C.; DUARTE, E. C. M. O senso comum neoliberal obscurantista e seus impactos na educação brasileira. **Revista On-line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 24, n. esp. 01, p. 715-736, ago. 2020. Disponível em:

<https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/13786/9373>. Acesso em: 9 jun. 2023.

EMPOLI, G. **Os engenheiros do caos**. 1ª ed. 1ª reimpr. São Paulo: Vestígio, 2020.

FAUSTINO, D.; LIPPOLD, W. **Colonialismo digital**: por uma crítica hacker-fanoniana. São Paulo: Boitempo, 2023.

FILGUEIRAS, V.; ANTUNES, R. Plataformas digitais, uberização do trabalho e regulação no capitalismo contemporâneo. *In*: ANTUNES, R. (Org.). **Uberização, trabalho digital e Indústria 4.0**. 1ª ed. 2ª reimpr. São Paulo: Boitempo, 2021. p. 59-78.

FRIEDMAN, M. **Capitalismo e liberdade**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2023.

HARVEY, D. **O neoliberalismo**: história e implicações. 5ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014a.

HARVEY, D. **O novo imperialismo**. 8ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014b.

HARVEY, D. **17 contradições e o fim do capitalismo**. 1ª ed. 5ª reimpr. São Paulo: Boitempo, 2021. HAYEK, F. A. **A constituição da liberdade**. São Paulo: Avis Rara, 2022.

KONDER, L. **Marxismo e alienação**: contribuição para um estudo do conceito marxista de alienação. 2ª ed. 2ª reimpr. São Paulo: Expressão Popular, 2016.

KONDER, L. **A questão da ideologia**. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

LAVOURA, T. N.; RAMOS, M. N. A dialética como fundamento didático da pedagogia histórico-crítica em contraposição ao pragmatismo das pedagogias hegemônicas. *In*: MALANCHEN, J.; MATOS, N. S. D.; ORSO, P. J. (Orgs.). **A pedagogia histórico-crítica, as políticas educacionais e a Base Nacional Comum Curricular**. Campinas: Autores Associados, 2020. p. 47-63.

LÊNIN, V. I. **Democracia e luta de classes**: textos escolhidos. 1ª ed. 1ª reimpr. São Paulo: Boitempo, 2020.

LONGO, I. Bolsonarista se joga embaixo de viatura durante ato em Copacabana: momento insólito vem sendo comparado à histórica cena do “patriota do caminhão” em 2022. **Revista Fórum**, Brasil, 15 nov. 2023. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/brasil/2023/11/15/video-bolsonarista-se-joga-embaixo-de-viatura-durante-ato-em-copacabana-147795.html>. Acesso em: 19 nov. 2023.

MARX, K. **Grundrisse**: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política: o processo de produção do capital. 1ª ed. 2ª reimpr. São Paulo: Boitempo, 2014. Livro I.

MÉSZÁROS, I. **A teoria da alienação em Marx**. 1. ed. 1ª reimpr. São Paulo: Boitempo, 2023.

MIGUEL, L. F. A política no governo Bolsonaro: desinformação, ameaça e desmando. *In*: MAGALHÃES, J. P.; OSÓRIO, L. F. (Orgs.). **Brasil sob escombros**: desafios do governo Lula para reconstruir o país. São Paulo: Boitempo, 2023. p. 19-24.

MOROZOV, E. **Big Tech**: a ascensão dos dados e a morte da política. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

RAULINO, G. Capital e trabalho nas plataformas sociodigitais. *In*: DANTAS *et al.* **O valor da informação**: de como o capital se apropria do trabalho na era do espetáculo e da internet. São Paulo: Boitempo, 2022. p. 145-212.

BERNARDO SILVA, M., SCHLICKMANN, M. S. P.

ROCHA, J. C. C. **Bolsonarismo: da guerra cultural ao terrorismo doméstico: retórica do ódio e dissonância cognitiva coletiva.** v. I. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

SAVIANI, D. **Educação: do senso comum à consciência filosófica.** 19ª ed. Campinas: Autores Associados, 2013a.

SAVIANI, D. O trabalho como princípio educativo frente às novas tecnologias. *In*: FERRETTI, C. J. *et al.* (Orgs.). **Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar.** 16ª ed. Petrópolis: Vozes, 2013b. p. 151-168.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica, quadragésimo ano: novas aproximações.** Campinas: Autores Associados, 2019.

SAVIANI, D. **A pedagogia no Brasil: história e teoria.** 3ª ed. Campinas: Autores Associados, 2021a.

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil.** 6ª ed. rev. ampl. Campinas: Autores Associados, 2021b.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações.** 12ª ed. Campinas: Autores Associados, 2021c.

SCHIEFFLER, I. **A linguagem da educação.** São Paulo: Saraiva, 1974.

SILVA, F. C. T. Bolsonaro: três golpes de Estado e um genocídio. *In*: MAGALHÃES, J. P.; OSÓRIO, L. F. (Orgs.). **Brasil sob escombros: desafios do governo Lula para reconstruir o país.** São Paulo: Boitempo, 2023. p. 25-31.

VON MISES, L. **As seis lições.** 9ª ed. rev. São Paulo: LVM, 2018.

---

MATHEUS BERNARDO SILVA: Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Licenciado em Educação Física pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Formação Humana e Prática Pedagógica (GEFHP/CNPq). Atualmente é docente no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5964-368X>

E-mail: [matheusbernardo@unesc.net](mailto:matheusbernardo@unesc.net)

---

MARIA SIRLENE PEREIRA SCHLICKMANN: Doutora e Mestre em Ciências da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). Licenciada em Pedagogia pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Políticas educacionais,

História, Alfabetização e Letramento (GEPPHALE/CNPq). Atualmente é docente no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7321-3280>

E-mail: [maria.schlickmann@animaeducacao.com.br](mailto:maria.schlickmann@animaeducacao.com.br)

---

Este periódico utiliza a licença *Creative Commons Attribution 4.0*, para periódicos de acesso aberto (*Open Archives Initiative - OAI*).